

AS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Violeta Virginia Rodrigues
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: *A constatação de que as orações comparativas constituem um tipo de estrutura especial determinou o interesse por uma descrição dessas construções em Língua Portuguesa, mostrando suas diferentes realizações sintáticas, a fim de verificar quais são realmente oracionais. A hipótese que se deseja comprovar com este estudo é a de que as construções comparativas não-oracionais são as mais freqüentes no Português. O trabalho objetiva, ainda, estabelecer uma tipologia dessas construções e mostrar que é possível fazer uma análise de base quantitativa que siga o modelo variacionista, proposto por Labov (1972), usando diferentes pressupostos teóricos, tais como tradicionais, gerativistas e outros.*

Palavras-chave: *construções comparativas oracionais; construções comparativas não-oracionais; construções correlativas.*

Abstract: *The corroboration that the comparative clauses constitute a sort of special structure determined one's interest for a description about such constructions in Portuguese language. The objective is to verify which of them are really propositions by showing its differences and its syntactic ways of construction. The hypothesis one wishes to prove with the study is that the no-clause comparative constructions are the most frequent in Portuguese language. Yet, the purpose of this work is to establish a typology of those constructions. On the whole were analysed 461 comparative constructions, 315 in written language and 146 in oral language.*

Key words: *comparative clauses; typology; no-clause comparative constructions.*

As construções comparativas não têm recebido interpretação uniforme. Para se definir comparação, ora se aplicam critérios estritamente semânticos, ora formais e ora se combinam os dois. Poucos trabalhos, até o momento, questionam se todas as estruturas comparativas devem ser tratadas como oracionais.

Partindo-se da hipótese de que a maioria das construções denominadas *orações comparativas* pela quase totalidade dos trabalhos consultados, na verdade, não o são, opta-se por usar a terminologia construções comparativas por esta poder englobar tanto estruturas oracionais como não-oracionais.

Os principais aspectos que podem justificar a necessidade de uma melhor descrição do comportamento das chamadas *orações comparativas* na Língua Portuguesa são:

- as *orações subordinadas adverbiais* prototípicas podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio ou particípio, mas, as comparativas, não;
- as chamadas *orações subordinadas adverbiais comparativas* podem ser formadas por meio de expressões correlatas;
- as *orações adverbiais correlativas* não podem ser deslocadas para o início do período, ou não podem ter sua ordem invertida, portanto, não apresentam

mobilidade posicional; o que justifica não aceitar pacificamente que todas funcionem como adjuntos;

- as *orações comparativas* envolvem, na sua maioria, o fenômeno da elipse – há comparativas elípticas -, embora nem sempre seja possível retomar o elemento supostamente elíptico;
- ser inerente às *orações comparativas* a noção de polaridade;
- as *orações comparativas* têm comportamento semelhante ao de outras estruturas oracionais (adjetivas, consecutivas, modais e coordenadas);
- não há consenso quanto à classificação do introdutor das *orações comparativas*;
- o comportamento das construções comparativas introduzidas por (do) que e como parece distinto (estariam as iniciadas por (do) que mais ligadas a um adjetivo e as introduzidas por como mais relacionadas ao verbo da oração principal?).

Assim, com base nas características das construções comparativas antes apresentadas, depreendeu-se que seria necessário verificar:

- o grau de encaixamento das construções comparativas com o verbo;
- o tipo de relação lógico-semântica que essas construções estabelecem;
- o tratamento unificado dessas construções como orações;
- os critérios sintáticos para a análise dessas construções.

Utilizando a metodologia da Sociolinguística Quantitativa Laboviana, pretendeu-se, com este estudo, estabelecer uma tipologia mais coerente e sistemática das construções de comparação em Língua Portuguesa, visando a depreender aquelas que de fato deveriam ser tratadas como estruturas comparativas oracionais.

Os dados que serviram de base para esta pesquisa foram retirados de um *corpus* de Língua Escrita dos séculos XVIII, XIX e XX, e de outro, de Língua Oral, gravado no decorrer das décadas de 70 e 90 (*corpus* do Projeto NURC, do Português Fundamental e de Portugal – anos 90). Analisaram-se 20 peças teatrais em Língua Escrita e em Língua Falada, 30 inquéritos do PB e 42, do PE.

Questionar o tratamento uniforme das *orações comparativas* é o mesmo que afirmar que a expressão da comparação é complexa, visto que envolve tipos distintos de construções. Por isso, este trabalho propõe que as construções comparativas podem ser oracionais ou não-oracionais, subdividindo-se, ainda, em correlatas e não-correlatas.

Portanto, há quatro tipos de construções comparativas:

1. Construção comparativa não-oracional correlata
(...) *um tem que falar mais alto [do que o outro.]* (AC 3 – PB)
2. Construção comparativa não-oracional não-correlata
(...) *Você corre [como um coelho acuado,]...* (NCB)
3. Construção comparativa oracional correlata
(...) *Olha... está melhor [do que estava.]* (REC 373 – PB)
4. Construção comparativa oracional não-correlata
(...) *Agora, tudo vai ser [como era antes.]* (NCB)

Os casos de construções comparativas não-oracionais são aqueles em que ocorre o fenômeno da elipse/apagamento, e os casos de construções comparativas oracionais são aqueles em que o verbo está expresso ou cancelado. Sintaticamente, essas estruturas tanto podem envolver correlação quanto subordinação, ou seja, há construções comparativas que são correlatas, e há as que não o são. As correlatas, oracionais ou não, envolvem interdependência sintática entre a primeira e a segunda partes da construção; as não-correlatas, na verdade, funcionam como adjuntos, que podem ser oracionais ou não. Depreende-se, pois, que se parte aqui do pressuposto de que a correlação é um processo sintático diferente da subordinação e da coordenação.

Quando a construção comparativa tem a sua segunda parte iniciada por (do) que, e este introdutor está relacionado com um elemento da primeira parte, a construção é correlata. Quando a estrutura comparativa tem sua segunda parte iniciada por como, não estando este introdutor ligado a outro elemento, a construção está na forma não-correlata.

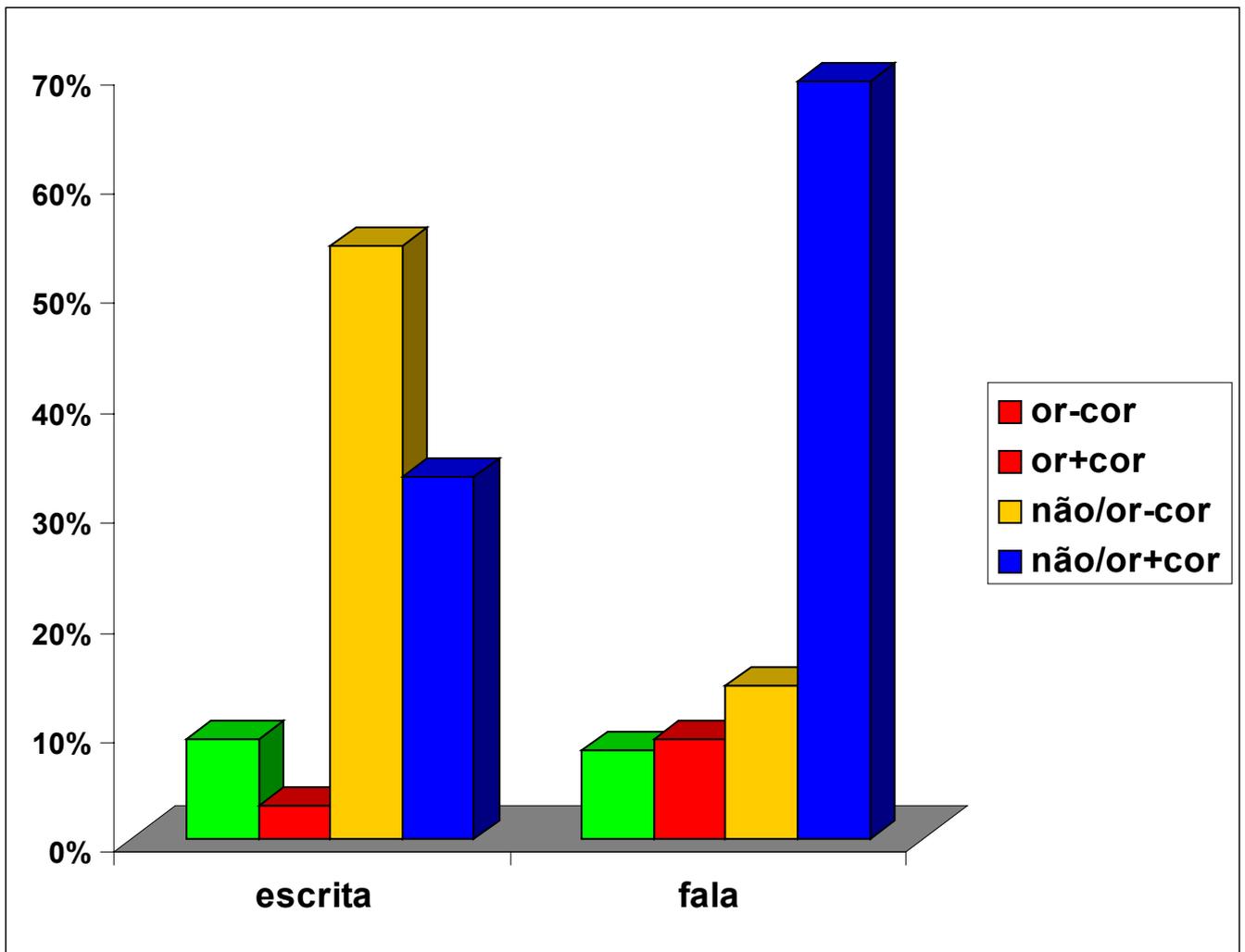
Os resultados da análise quantitativa que ora se apresentam servem para apontar não só a tipologia dessas construções, mas também a frequência com que essas estruturas ocorrem em nosso sistema.

Foi analisado um total de 461 estruturas comparativas: 315, de Língua Escrita e 146, de Língua Falada. Das 315 ocorrências de construções comparativas do *corpus* escrito, 275 são de estruturas não-oracionais e 40, de oracionais. Em termos percentuais, isto equivale a 87% de construções comparativas não-oracionais e a 13%, de oracionais. Das 146 construções comparativas em Língua Falada tanto do PB quanto do PE, 121, que correspondem a 84%, são de estruturas não-oracionais; as 25 ocorrências restantes, que correspondem a 16%, são todas de estruturas oracionais, o que pode ser visualizado por meio do quadro abaixo:

TIPOS DE CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS	Corpus de Língua Escrita	Corpus de Língua Falada
Não-oracionais	275 / 87%	121 / 84%
Oracionais	40 / 13%	25 / 16%
TOTAIS	315 / 100%	146 / 100%

TOTAL GERAL = 461

Verifica-se, por meio destes resultados, que as construções comparativas não-oracionais são as mais frequentes nas duas amostras utilizadas. Verifica-se, ainda, que as não-correlatas são mais recorrentes na Escrita, enquanto a Fala prefere as correlatas, conforme ilustra a figura a seguir.



Assim, não é por acaso que como introduza preferencialmente as construções comparativas não-correlatas da Língua Escrita e do que e que caracterizem as estruturas correlatas da Fala. Há maior incidência de construções não-oracionais não-correlatas na Escrita exprimindo igualdade e sentido metafórico. Já na Fala, predominam as estruturas correlatas de superioridade. Portanto, os introdutores como e do que/que servem para distinguir, em Português, as construções comparativas de igualdade das de desigualdade.

Com base na análise de dados reais da Língua Portuguesa em diferentes períodos de tempo e nas modalidades Escrita e Falada, no Brasil e em Portugal, conseguiu-se estabelecer um padrão sintático característico de uma estrutura oracional em oposição ao de uma estrutura não-oracional, observando-se os constituintes mais frequentes em cada uma delas. Assim, nas não-oracionais, destaca-se o SN simples e nas oracionais, o SV. Relacionando-se isto ao introdutor da segunda parte, característico dessas construções na forma correlata ou não-correlata, estabeleceram-se os seguintes padrões:

CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS NÃO-ORACIONAIS

- 1.(DO) QUE + SN
2. COMO + SN

CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS ORACIONAIS

1. (DO) QUE + SV
2. COMO + SV

O estabelecimento de tais padrões possibilitou rever a funcionalidade do fenômeno da elipse aplicado às *orações comparativas*.

A maioria das autores estudados, independentemente de interpretarem as construções comparativas como estruturas envolvendo os mecanismos sintáticos da subordinação, correlação ou coordenação, concordam que essas construções envolvem o fenômeno da elipse e que estas são estruturas oracionais, postulado não compartilhado nesta análise. Por isso, a distinção entre elipse/apagamento e cancelamento proposta com base em Napoli (1983) tornou-se fundamental para defender a hipótese desta pesquisa. Enquanto elipse/apagamento caracteriza a comparação entre um constituinte sintático de uma categoria que não precisa ser uma sentença, o cancelamento caracteriza a comparação entre duas sentenças. Além disso, construções comparativas com cancelamento permitem apenas uma leitura literal, já as estruturas comparativas com elipse/apagamento permitem não só a leitura literal como a não-literal. Portanto, defende-se aqui a interpretação da elipse/apagamento como mecanismo discursivo/textual e a do cancelamento como mecanismo sintático/gramatical/formal. Reforçam a análise da elipse como uma relação anafórica as duas possibilidades de recuperação do segundo elemento da comparação, proposta por Neves (2000:897), a saber:

- *recuperação no contexto (cotexto precedente ou situação);*
- *recuperação no conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte.*

Como se vê, a *oração comparativa* elíptica poderá ser restituída: ou a partir do contexto ou do conhecimento compartilhado entre os interlocutores. No entanto, nem sempre essa reconstituição pelos falantes acontecerá da mesma forma, visto ser subjetiva.

Espera-se, assim, que, com a descrição das construções comparativas em Língua Portuguesa, aqui realizada, mostrando suas diferentes realizações sintáticas, tenha-se conseguido, tanto quanto possível, evidenciar características de superfície de tais estruturas no Português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KATO, Mary A Restrições à regra da elipse verbal. In: Ensaio de lingüística 5. São Paulo, PUC/SP, 1981. p. 93-101.
- LABOV, William. Principles of linguistic change. Cambridge, Blackwell, 1994.

- MENEZES, Humberto Peixoto. As construções comparativas em português: uma análise gerativa. Rio de Janeiro, UFRJ, 1989. Tese de Doutorado.
- NAPOLI, Donna Jo. Comparative ellipsis: a phrase structure analysis. Linguistic inquiry. Cambridge, The MIT Press, 14 (4), 675-694, Fall, 1983.
- & NESPOR, Marina. Comparative structures in Italian. Language. Baltimore, Waverly Press, 62 (3), 622-653, 1986.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de usos do português. São Paulo, UNESP, 2000. p. 893-913.
- OITICICA, José. Manual de análise léxica e sintática 6. ed. , Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942.
- . Teoria da correlação. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1952.
- ORDÓÑEZ, S. G. Las odiosas comparaciones. Lingüística 13, Logroño, 1992.
- . Estructuras comparativas. Madrid, Arco Libros S. L., 1997a Cuadernos de Lengua Española.
- . Estructuras pseudocomparativas. Madrid, Arco Libros S. L., 1997b.
- PINTZUK, S. VARBRUL Programs. - manual. 1988.
- PRICE, S. Comparative constructions in Spanish and French syntax. London and New York, Routledge, 1990.
- PRYTZ, O. Construcciones comparatives en español. Revue Romane, 1979. 14-2. 260-278.
- RODRIGUES, Violeta Virginia. CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS: ESTRUTURAS ORACIONAIS? Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2001. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.